

PERCEPÇÃO DA INFÂNCIA PELAS CRIANÇAS NO CARIRI PARAIBANO

Autor (1) Ayane Ribeiro de Oliveira Duarte; Orientador (4) Joana Darc Pereira Sousa

Autor (1) *Universidade Estadual da Paraíba, UEPB* – ayane_ribeiro9@hotmail.com; Orientador (4)
Universidade Estadual da Paraíba, UEPB - joanapsousa@gmail.com

Resumo:

O presente artigo surgiu de uma pesquisa de campo realizada no Cariri Paraibano na cidade de Sumé, e teve como principal objetivo investigar a percepção e compreensão da criança sobre sua própria infância. Participaram do estudo vinte crianças na faixa etária de seis a dez anos, regularmente matriculadas na Rede Municipal de Ensino, e integrantes do Programa Bolsa Família do Governo Federal. No que se refere a análise dos dados, optou-se pelo método qualitativo, visto que a pesquisa qualitativa busca alçar as inter-relações do objeto em estudo, em suas particularidades ou experiências individuais. A partir dos resultados da pesquisa foi possível constatar que as crianças percebem suas infâncias como sendo construídas através de muitas brincadeiras, medos e inseguranças. Se observou que as interações sociais com os adultos são frequentes, mas não se constituem como relações de respeito e afeto. As crianças demonstraram estar insatisfeitas com seus corpos e preocupadas em seguir os padrões determinados pela mídia. Ainda se verificou que as crianças e suas famílias possuem baixa renda, e que lhes faltam necessidades básicas. Espera-se que, ao ser socializado, esse artigo possa contribuir para fomentar o debate acerca da necessidade de se oferecer as crianças do Cariri Paraibano, maiores oportunidades de serem ouvidas e respeitadas como cidadãs de direito.

Palavras-chave: Percepção; Infância; Criança.

Introdução

As pesquisas sobre as concepções de infância configuram-se como um fator preponderante para a compreensão das práticas educativas em relação à socialização da criança e à promoção do seu desenvolvimento. Essas concepções de infância são oriundas das ideias, que foram sendo adquiridas sobre desenvolvimento infantil, portanto, elas passaram a serem vistas de forma global, integral, com a evolução da modernidade. Conferiram-lhe um lugar e papel como alguém que participa da história da sociedade modificando-a e sendo modificada, enquanto grupo, no processo histórico, independentemente do plano de abordagem que adotarmos, seja nacional, local ou global.

Os estudos têm mostrado que a concepção de infância é historicamente datada e contextualizada (ARIÈS, 1988; FERREIRA A. G., 2000; FERREIRA M. M., 2004). Na verdade, o advento da modernidade, enquanto tempo de alterações econômicas, sociais, culturais, políticas e tecnológicas, criaram condições para a emergência de uma preocupação crescente com as populações e, por consequência, com os problemas sociais da infância. Ainda sobre a temática do desenvolvimento infantil multiplicam-se as propostas e ações dirigidas às crianças, na legislação, nas políticas públicas, na educação, na saúde, no mercado e nos mais diversos campos (KUHLMANN JR. et al., 2004).

Este desenvolvimento é compreendido como resultante de um processo dialógico, dinâmico, histórico e cultural que prepara o indivíduo através das trocas sociais para novas formas de conhecimento. Para tanto, têm sido consideradas as contribuições oriundas da teoria sócio histórica de Vygotsky (2007), que defende uma compreensão de desenvolvimento baseada na concepção de um organismo ativo, cujo pensamento é construído paulatinamente num ambiente que é histórico e, em essência, social.

A criança não é compreensível fora do contexto sociocultural, pois ela é composta de sucessões que aparecem, de forma descontínua, à passagem de uma fase para outra: às vezes são suprimidas de um estágio a outro e às vezes pode prejudicar o desenvolvimento normal da conduta infantil, a maneira como se revolve este conflito é diferente de um indivíduo para outro (BRUNER, 2011).

Com esta concepção este artigo apresenta uma análise relacionada às percepções que crianças, entre seis e dez anos de idade, têm de si, sobre a sua infância. Alinhando-se às inquietações sobre a infância, este estudo se volta para o contexto do Cariri paraibano no Nordeste Brasileiro, a investigação desenvolveu-se em escolas públicas municipais da cidade

de Sumé polo da região em questão.

Metodologia

O caminho metodológico adotada busca desvelar as dimensões sociais e culturais presentes nas falas das crianças quanto a sua percepção sobre sua infância. Na investigação optou-se pelo método qualitativo, pois busca entender as inter-relações do objeto em estudo, em suas particularidades ou experiências individuais no contexto da presente investigação. Neste sentido Vilelas (2009 p.105) enfatiza que “[...] os estudos qualitativos consideram que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”, esta relação que existe entre o mundo real e a subjetividade não é sensível de ser traduzida ou compreendida através dos processos inerentes à investigação quantitativa.

Nesta perspectiva Minayo (2003), ressalta que o estudo qualitativo oferece abertura à apreensão da complexidade presente nas relações sociais, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, destacando a compreensão de um determinado fenômeno, em sua profundidade.

O presente trabalho configura-se também como sendo uma pesquisa descritiva, pois se propõe a uma descrição do entendimento dos participantes sobre a temática estudada, bem como das dinâmicas interativas entre os atores sociais deste estudo. Gil (1991, p.45) considera que as pesquisas desse tipo têm como objetivo principal a descrição de características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, sendo incluídos também nesse grupo os estudos que têm por objetivo “levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”.

Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada em instituições públicas de ensino, no município de Sumé que conta com uma população de 16.060 pessoas distribuídas em uma área 838 km², conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O acesso a Secretaria de Educação do Município, foi feito através de uma carta de apresentação comunicando os objetivos da pesquisa. Após obter expressa autorização foi dado procedimento à investigação em escolas públicas do município, sendo selecionadas por representar naquele momento os núcleos escolares com a mais desfavorável condição socioeconômica, de acordo com a representante do órgão gestor Municipal contatada.

Como critério de classificação para esta população foi adotado inscrição das famílias dos estudantes pesquisados como beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF), executado pelo Governo Federal brasileiro. O Programa Bolsa Família (PBF) integra o plano Brasil sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os dezesseis milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a setenta reais mensais (R\$ 70,00), e está baseada na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso ao serviço público. O cadastro de famílias no PBF se baseia em informações disponibilizadas pelos municípios de origem ao Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, instrumento de coleta de dados que tem por objetivo identificar as famílias de baixa renda existente no Brasil. A gestão do PBF é descentralizada e compartilhada entre a União, Estados, Distrito Federal e Municípios. Os entes federados trabalham em conjunto para aperfeiçoar, ampliar e fiscalizar a execução do Programa, instituído pela Lei n.º 10.836/04 e regulamentado pelo Decreto n.º 209/04 (BRASIL, 2010).

Procedimentos da coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a junho de 2014, no município de Sumé – PB, na primeira etapa procedeu-se ao contato telefônico com a gestora da referida escola indicada por representante da Secretaria de Educação, com o propósito de explicar os objetivos da pesquisa e agendar uma visita à Instituição. Foram explicados os compromissos éticos adotados na pesquisa e os procedimentos da coleta de dados, esclarecendo sobre a participação das crianças no estudo, bem como assegurando o caráter sigiloso da investigação. Ainda nesta fase, foi realizada uma reunião com os pais que possuem contato sistemático com as crianças incluídas no estudo, e que tinham capacidade cognitiva ou os representantes legais dos alunos que iriam participar da pesquisa. Foi solicitado também que assinassem um Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE autorizando a participação das crianças no estudo e afirmando estarem cientes dos objetivos e procedimentos do mesmo.

Através da visita a instituição, obtivemos informações sobre a escola, identificamos o número de professores e o número de alunos por turma, e realizamos a seleção por sorteio aleatório dos alunos, segundo os critérios de inclusão no estudo.

Na segunda etapa, o grupo selecionado foi de vinte crianças com faixa etária entre seis dez anos de idade. Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos, os dados receberam a seguinte codificação. Nome do município + fonte de renda da família + número do sujeito. Exemplo: S/bf7 Município de Sumé, criança de família contemplada com o PBF e sujeito 7 (na amostra pesquisada de vinte sujeitos). Na realização da entrevista as perguntas foram dirigidas para cada participante individualmente, com duração

média de uma hora com intervalos de quinze minutos entre uma criança e outra. Foi utilizada a entrevista semiestruturada, contendo questões elaboradas pelo pesquisador. Para a construção da entrevista consideramos a recomendação de Guerra (2010, p. 53), “a questão mais importante é a clarificação dos objetivos e dimensões de análise que a entrevista comporta”. Recorremos também à reflexão de González (2002), para quem a entrevista semiestruturada na pesquisa qualitativa tem sempre o propósito de converter-se em um diálogo. Nesse sentido, este tipo de entrevista possibilita que o investigador acrescente questões a fim de atender às necessidades do estudo.

Para o registro do conteúdo das entrevistas, utilizou-se a forma de gravação direta com transcrição, por possibilitar o registro de todas as expressões orais do entrevistado, (seus sentimentos, crenças e ideias durante suas verbalizações), e por permitir registrar os momentos de “silêncio” ou inquietações por parte das crianças. O roteiro de questão utilizado para a entrevista foi aplicado de maneira a considerar o caráter de espontaneidade da própria entrevista e a liberdade de expressão dos (as) participantes.

Resultados e Discussão

No estudo das análises dos dados podemos eleger como uma das fases mais complexas da pesquisa, pois exige do pesquisador muito cuidado, esforço e precisão, no momento de registrar os dados em forma de textos narrados pelos sujeitos pesquisados; depois se faz necessário muita habilidade no reconhecimento do eixo central do esquema de significados que mostra o contexto cultural que ele o seguirá. A partir disso, foram elaboradas categorias para melhor expor a percepção das crianças sobre aspectos de sua infância, segue:

O ser criança

Quando questionados sobre o sentido de ser criança, alguns dos sujeitos da pesquisa narraram a brincadeira como uma atividade da infância.

“Acho bom brinco de casinha com minhas amigas”... S/bf 13

“Brincar de toca com minhas amigas na rua”... S/bf 16

“Brincadeiras com os meninos da rua da minha avó”. S/bf 10

“Assim, tenho orgulho de ser criança, posso brincar muito”. S/ bf 11

As falas dessas crianças mostram que, durante a brincadeira compartilham, aprendem e constroem seus mundos, sua cultura através do estabelecimento de relações peculiares de confiança, de respeito e de amizade. Vygotsky (1994) atribui à brincadeira o lugar onde a criança apresenta seu comportamento, seus sentimentos, suas angústias adquiridas no seu dia-a-dia e busca estratégias para alcançar seus objetivos. A brincadeira é como se fosse maior do que é sua realidade.

Por meio de narrativas e relatos, as crianças falam sobre suas vidas, sobre ser criança, sobre os adultos, sobre os modos pelos quais veem o mundo, seus brinquedos, suas brincadeiras e seus amigos. Assim é importante que se garanta à criança uma vivência intensa de caráter lúdico capaz de formar a base sólida para a participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver (MARCELLINO, 2000). Em outra obra Marcellino (1997) diz que garantir o tempo e lugar das brincadeiras na vida da criança é obrigação não só dos familiares, mas também das instituições escolares.

Quando questionados sobre trabalho, nenhuma das crianças entrevistadas afirmou possuir qualquer atividade remunerada, observando-se apenas aqueles que assumem algumas responsabilidades no ambiente doméstico, no sentido de auxiliar um adulto nas tarefas rotineiras do lar.

“Ajudo minha mãe na faxina de casa”. S/bf1

“Ajudo a minha vó na feira, ela vende verdura na feira”. S/bf12

“Barro a casa, enxugo a louça”. S/bf15

“Arrumo os quartos, vou fazer compras na rua”. S/bf4

“Ajudo o meu padrasto ele é pintor”. Sbf18

As estatísticas têm mostrado que o trabalho infantil doméstico é uma atividade que tem mostrado uma média superior de acidentes laborais (cortes nas mãos, nos pés, queimaduras, quedas e alergias), como também maus tratos, abusos sexuais, o que deixa as meninas exaustas para realizar suas atividades escolares, ficando seu desempenho escolar comprometido. Por conta de todos esses riscos é que, a partir da edição do Decreto n.6481/2008, proibiu-se o trabalho doméstico aos menores de 18 anos, pois esta norma atende à determinação constante na Convenção nº 182 da Organização Internacional do Trabalho – OIT que qualificou o trabalho doméstico como pior forma de trabalho infantil (Brasil 2013).

Relação com os adultos

Nas relações que são construídas ao longo do tempo entre crianças e adultos, passa a ter como fundamento básico a afeição, o que pressupõe a espontaneidade e implica na construção cotidiana de experiências consensuais, fator fundamental para atingir o estágio ideal da comunhão de vida. Os adultos buscam disciplinar as crianças aqui estudadas, em regras de forma cristalizadas, por um jeito de ser no qual prevalece a rigidez.

Na uniformidade, o que ocasiona certa tensão nas relações entre adultos e crianças, a fala das crianças pesquisadas deixa claro o quanto às relações com os adultos são tumultuadas e opressoras, em diversos momentos de suas vidas.

“A professora briga comigo quando não sei fazer a tarefa”. S/ bf 5

“Aqui na escola eles não escutam, dizem que não sei de nada”. S/bf 12

“Os adultos são chatos, não escuta a gente”. S /bf 15

“Mandam sair de perto... estou conversando besteira!!!” S/bf 13

“A diretora daqui... o “caba” com razão mais ela não deixa falar!!” S/bf17

Neste sentido Tomazzetti (2004) enfatiza que os adultos deveriam desenvolver habilidades para escutar, não apenas para falar, ou ensinar, mas sim prestar atenção ao que o outro produz, como interação, não apenas no que o adulto deseja ou acredita, mas no respeito pelo desejo e na ação das crianças.

Situações de insegurança

As crianças têm sua maneira própria de manifestar seus medos ou qualquer outra emoção. O medo está relacionado ao instinto de sobrevivência e é desencadeado pela falta de conhecimento sobre algo que o torna ameaçador e perigoso. Foi relatado na presente pesquisa pelos sujeitos, que eles têm medos em situações das mais diversas e sentem-se inibidos diante dos adultos, para revelarem seus medos. Muitas crianças em nossa sociedade sofrem de maus tratos, de abandono, de tristeza, diversas formas de exclusão, isto se torna cotidianamente natural, normal, como se fosse algo óbvio, apenas pelo fato de serem crianças, esquecendo que as crianças exercem um papel atuante e ativo na dinâmica da sociedade.

“Tenho medo do meu irmão ele bate em mim”. SB/bf1

“Quando tou fora de casa e pego uma briga com os colegas meu pai bate com corda, tenho marca no meu corpo, tenho medo dele”. S/bf2

“Tenho medo do homem que mora com minha vó, ele bebe, fala viado!! Sapatão!! Diz muitas coisas com agente”. S/bf 4

“Não passar nas provas”. SB/ bf 5

“Tenho medo de escuro, não pode apagar a luz que choro”. S/bf 15

“Tenho medo de rato, na minha casa tem”. S/bf 13

Sob esse ponto de vista as relações sociais que os adultos estabelecem com as crianças caracterizam uma visão linear, funcional, finalista, contraditória e de muito medo, se apresentam mais para o mecanismo de tensão entre o ser assujeitado e ser sujeito (SILVA FILHO 2004).

O reflexo das condições financeiras na infância

As crianças pesquisadas do Cariri paraibano são consideradas pobres, pois têm carência para adquirir os objetos que desejam como também os serviços que melhoram sua condição de saúde, educação, entre outras. Segundo Codes (2008), a definição de pobreza parece muitas vezes não ser clara, o importante é esclarecer que as pessoas não são pobres apenas pela má distribuição de renda, pela falta de recursos para participar das demandas sociais, o que leva a perceber a complexidade do que seja, na realidade, ser pobre. Desse ponto de vista, podemos reconhecer que a pobreza se relaciona com a negação dos direitos do cidadão.

“Minha mãe não pode me dar, não tem dinheiro tudo é difícil”. S/bf 6

“Quando crescer vou ser muito trabalhador, para comprar as coisas lá para casa, têm dia que não tem comida, para a gente comer”. S/bf 14

“Durmo com meu irmão e minha mãe na mesma cama”. S/bf13

Com base nos discursos das crianças pesquisadas, verificamos que suas famílias são marcadas pela desigualdade sócio econômica, inserindo-se também na fragilidade sócio afetiva, e ostentando uma estrutura desorganizada diante dos membros familiares, sem conseguir proporcionar um equilíbrio no processo de desenvolvimento dos seus filhos. A situação de pobreza e de miséria das famílias beneficiadas pelo

Programa é aliviada, mas apesar dessa constatação existem muitas críticas, inclusive por famílias que são beneficiadas, reclamam do baixo valor do benefício do Bolsa Família, que segundo elas, não é suficiente para tirar alguém da pobreza (SILVA, 2006).

Significado do corpo

A criança no início do seu desenvolvimento estabelece uma relação de comunicação com o meio onde está inserido, através dos movimentos do seu corpo garantem a aproximação do outro e a satisfação de suas necessidades. O corpo adquire um papel fundamental na infância, pois este é um modelo de expressão e de vinculação da criança com o mundo. Nas falas a seguir as crianças expressam sua insatisfação com o corpo e a preocupação de seguir os padrões impostos pela mídia.

“Me acho bonita, sou magra”. S/bf14

“Estou feio, muito gordo... como muita massa”. S/bf17

“Não me acho bonito meu cabelo é feio”. S/bf15

“Não me acho bonita, queria ser branca para meu cabelo ser amarelo”. S/bf10

As crianças nesta idade fazem uso do seu corpo como forma de relacionar-se com outras crianças através das brincadeiras, das falas, das escutas, como meio de produzir culturas. Essas culturas estão construídas à base de valores, como o lúdico, a criatividade e a forma como expressam no seu cotidiano (SAYÃO, 2002).

Conclusões

Nesta investigação foi percebido que a brincadeira é uma atividade de suma importância no cotidiano dessas crianças. Observou-se também, que elas assumem algumas atividades auxiliando os adultos sem remuneração. No entanto, as relações com os adultos são difíceis e incompreendidas. Como também, o medo está relacionado ao instinto de sobrevivência e é desencadeado pela inibição, que se torna algo ameaçador e perigoso. Foi relatado em nossa pesquisa pelos sujeitos, que eles têm medos em situações das mais diversas e sentem-se inseguros. Em seguida, as crianças expressaram sua insatisfação com o corpo e a preocupação de seguir os padrões e modelos impostos pela mídia e sociedade.

No Brasil temos um longo caminho a percorrer, no que se refere às pesquisas sobre as crianças, suas experiências e culturas. O campo da sociologia da

infância tem nos ensinado que as crianças são atores sociais porque interagem com seus pares, com as instituições, reagem frente aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participar no mundo social. Mesmo assim, é necessário construir oportunidades para ver e ouvir suas vozes, e criar mais espaços para elas expressarem seus sentimentos e ideias, como também passar a valorizar suas expressões, permitindo assim, conhecer estes atores sociais que nos colocam inúmeros desafios, como profissionais da educação e como agentes de transformação da sociedade.

Referências

- ARIÉS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- BRASIL, M. d. (2010). Manual de Orientações sobre o Bolsa Família na Saúde. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/ Ministério da Educação. Secretaria de educação básica – Brasília, 2013.
- BRUNER, J. (2011). O Processo da Educação. Lisboa: Edições - 70 LTDA.
- CODES, A. L. M. A Trajetória do Pensamento Científico Sobre Pobreza: Em direção a uma visão complexa. Texto no1332. Instituto de Pesquisa Econômica. IPEA: Brasília, 2008.
- FERREIRA A. G., Gerar, Criar, Educar. A criança no Portugal do Antigo Regime. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.
- FERREIRA, M. M. A gente gosta de brincar com os outros meninos: relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Afrontamento, 2004.
- GIL, A. C. (1991). Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas.
- GONZÁLEZ, F.L.R. Pesquisa Qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2002.
- GUERRA, E. L. A. Manual de Pesquisa Qualitativa, Grupo Anima Educação. Belo Horizonte, 2010.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2010). *Censo Demográfico - 2010*. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br, acesso em 12 de maio de 2016.
- KUHLMANN JR., M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M (Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLINO, N. C. Estudos do Lazer: Uma introdução. Campinas: Papirus, Autores Associados, (2000).

_____. Pedagogia da Animação. Campinas: Papirus, (1997).

MINAYO, M.C. de S.2003 (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade.ed. Rio de Janeiro: Vozes.

SAYÃO, D. T. (2002): “Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil”, in: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T., e PINTO, F. M. (Org.): Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: Ed. da UFSC.

SILVA FILHO, J. J. Educação infantil e informática: entre as contradições do moderno e do contemporâneo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto & CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA Porto-Portugal, 2004.

SILVA, M. O. S. (2006). Os programas transferências de renda enquanto estratégia atual de enfrentamento a pobreza no Brasil: O Programa Bolsa Família. IX Congresso Luso-Afro Brasileiro, Luanda/Angola, 28 a 30 de novembro 2006.

TOMAZZETTI, C. M. Pedagogia e infância na perspectiva intercultural: implicações para a formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

VILELAS, J. (2009). Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento. Lisboa: Edições Silabo.

VYGOTSKY, L. S. (1994). A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. S. A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.